



ÍNDIA: a desigualdade e pobreza como consequência da colonização britânica, um olhar pós-colonial

INDIA: Inequality and poverty as a consequence of British colonization, a post-colonial perspective

INDIA: Desigualdad y pobreza como consecuencia de la colonización británica, una perspectiva poscolonial

João Paulo Santos Araujo¹ & Thaynara Castro Silva²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o período referente a colonização do Império Britânico no território indiano, assim como as transformações ocorridas nesse espaço de tempo, e investigar se as taxas excessivas de pobreza e desigualdade do país asiático podem ser vistas como um dos resultados do período colonial. A abordagem teórica utilizada na construção do trabalho é o pós-colonialismo, uma vez que é uma abordagem de suma importância para a compreensão das sociedades atuais e as consequências do processo de colonização. A problemática apresentada é: A pobreza e a desigualdade social presente na Índia são resultados da colonização britânica? Os resultados da pesquisa apontaram que a colonização britânica realmente agravou o cenário de pobreza e desigualdade social na Índia, existindo resquícios até os dias atuais, no entanto, também são apresentados outros fatores que integram essa conjuntura, como a atuação dos governos pós-independência, o sistema de casta e a falta de políticas direcionadas.

Palavras-chave: Índia; Desigualdade Social; Pós-Colonialismo.

¹ João Paulo Santos Araujo é docente no Centro Universitário IESB. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1841-9729>. Email: joão.araujo@iesb.edu.br.

² Thaynara Castro Silva é graduada em Relações Internacionais (2022) pelo Centro Universitário IESB. Email: silvacastrothaynarass@gmail.com.

Abstract: The aim of this work is to analyze the period of British Empire colonization in the Indian territory, as well as the transformations that occurred during this time, and to investigate whether the excessive rates of poverty and inequality in the Asian country can be seen as one of the results of the colonial period. The theoretical approach used in the construction of this work is post-colonialism, as it is an approach of paramount importance for understanding current societies and the consequences of the colonization process. The issue presented is: Is poverty and social inequality in India a result of British colonization? The research results indicated that British colonization did indeed exacerbate the scenario of poverty and social inequality in India, with remnants existing to this day. However, other factors that contribute to this situation are also presented, such as the actions of post-independence governments, the caste system, and the lack of targeted policies.

Keywords: India; Social Inequality; Post-Colonialism.

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar el período de colonización del Imperio Británico en el territorio indio, así como las transformaciones ocurridas en ese lapso de tiempo, e investigar si las altas tasas de pobreza e desigualdad en el país asiático pueden considerarse como uno de los resultados del período colonial. El enfoque teórico utilizado en la elaboración de este trabajo es el poscolonialismo, ya que es un enfoque de suma importancia para comprender las sociedades actuales y las consecuencias del proceso de colonización. La cuestión planteada es: ¿La pobreza y la desigualdad social presentes en la India son resultados de la colonización británica? Los resultados de la investigación indicaron que la colonización británica realmente exacerbó la situación de pobreza y desigualdad social en la India, con secuelas que perduran hasta el día de hoy. Sin embargo, también se presentan otros factores que contribuyen a esta situación, como las acciones de los gobiernos posteriores a la independencia, el sistema de castas y la falta de políticas dirigidas.

Palabras clave: India; Desigualdad Social; Poscolonialismo.

INTRODUÇÃO

A forte presença britânica no cenário internacional durante os séculos XIX e XX, e a intensificação da globalização nesse mesmo período, possibilitou a consolidação do grande Império Britânico, um dos maiores e mais extensos do mundo, dominando quase um quarto do planeta. Dentre os territórios dominados,

a Índia se destacou como uma de suas maiores fontes de riqueza, sendo por muito tempo considerada a joia da coroa britânica³.

A Índia, no período pré-colonial, era a maior exportadora de produtos têxteis do mundo, mas com a chegada do domínio britânico, foi forçada a uma desindustrialização e diminuída ao cargo de fornecedora de recursos naturais. Com o alastramento dessa dominação, a estrutura socioeconômica do país foi profundamente modificada pelos interesses da metrópole, criando grandes obstáculos para o desenvolvimento do país, mesmo após a independência.⁴

No presente trabalho buscou-se fazer uma contribuição aos estudos asiáticos brasileiros ao se tratar de um importante período da história recente da Índia, a colonização britânica, que teve fim apenas em 1947. Esse estudo utilizou como base os fundamentos teóricos do pós-colonialismo, que se propõe a analisar os desdobramentos das forças imperiais nas nações que foram colonizadas, além de dar voz ao subalterno, quebrando o paradigma de uma narrativa única sobre fatos históricos, que em sua maioria são enviesados pelo pensamento ocidental.

O presente trabalho está dividido em três seções, mais a introdução e as considerações finais. A primeira seção trata da abordagem teórica utilizada na composição deste artigo, o pós-colonialismo. Na segunda seção é feita a contextualização histórica do Raj britânico, da chegada da Companhia das Índias Britânicas - que abriu caminho para a colonização -, até a Independência. Por fim, a terceira seção traz uma análise com foco no objetivo geral da pesquisa: entender se a pobreza e desigualdade social que perduram na Índia advém do período colonial.

1. ABORDAGEM TEÓRICA: pós-colonialismo

A abordagem teórica deste artigo tem como base o pós-colonialismo. Para assimilar o que é e como funcionou a abordagem pós-colonial, faz-se necessário

³ WAHI, Namita. **Property and Sovereignty: Creating, Destroying and Resurrecting Property Rights in British India (1600-1800)**. Centre for Policy Research, 2020, p. 1-2.

⁴ CAMPOS, Bruno de. **Notas sobre o desenvolvimento econômico e a industrialização da Índia**. In: IX Congresso Brasileiro de História Econômica e X Conferência Internacional de História de Empresas, 2011, Curitiba. Anais, p. 4-5

antes compreender brevemente o processo de colonização e o colonialismo. O processo de colonização está intrinsecamente ligado à concepção de território, povoamento e exploração. Trata-se de utilizar aquele território colonizado em proveito econômico da metrópole⁵. Os países colonizados eram usufruídos como instrumentos de auxílio aos interesses das potências coloniais, por meio da exploração e dominação social, cultural e econômica. Assim, suas economias eram organizadas em função das necessidades das metrópoles, enquanto a sociedade era administrada por métodos que permitam a exploração da força-trabalho a baixo preço e, ao mesmo tempo, mantinham o equilíbrio necessário para evitar revoltas contra o domínio vigente⁶. Como afirma Marx⁷, “um país se enriquece às custas de outro país” igual a “uma classe se enriquece às custas de outra classe”.

A ação colonial, ocorrida ao longo do século XIX, perturbou brutalmente a história dos povos a ela submetidos, provocando guerras, agressões e a imposição, em larga escala, de trabalho forçado às populações colonizadas. Nesse contexto, surge o conceito de colonialidade, concepção introduzida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, fenômeno que pode ser definido como “uma estrutura de dominação ou padrão de poder que permanece enraizado em nossa sociedade, mesmo após o fim das relações coloniais.”⁸. A dinâmica contemporânea das relações internacionais é um exemplo de resquício do colonialismo, o que pode ser analisado na classificação dos países em “Primeiro” e “Terceiro” mundo, cuja base é a configuração hierárquica do globo. O resquício colonial se tornou mais do que um simples traço do sistema internacional contemporâneo, é um fator que afeta o desenvolvimento de agendas

⁵ SOUZA, João Paulo A. de. **Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil**. São Paulo: Estud. Econ., 2008, v. 38, n. 1, p. 173-203

⁶ BOBBIO et al. **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira et al. 11. ed. Brasília: UnB, 1998, p. 181.

⁷ CASANOVA, Pablo G.. **Colonialismo interno: uma redefinição**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006, p. 432.

⁸ AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade a Colonialidade: você conhece esses conceitos?**. Politize: 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>

e pautas nos fóruns e instituições multilaterais, e, portanto, na formulação de práticas dos atores do sistema internacional⁹.

O autor Aníbal Quijano era membro de um importante grupo formado por autores latino-americanos, o Grupo Modernidade/Colonialidade. A reflexão promovida por eles era acerca da defesa de uma construção alternativa à modernidade eurocêntrica. Seus principais representantes, além de Quijano, são E. Dussel, W. Mignolo, R. Grosfoguel, C. Walsh, N. Maldonado-Torres e A. Escobar.¹⁰

O pós-colonialismo pode ser entendido inicialmente por meio de duas acepções principais, segundo o professor Boaventura de Sousa Santos¹¹. A primeira é diz respeito ao seu período histórico, sendo aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de ser um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial, sedimentando mentalidades coloniais descritas do ponto de vista do colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado¹². O pós-colonialismo pode ser considerado uma ruptura da história única, termo utilizado na obra de Rosane Vieira Pezzodipane¹³, pois abre portas para os escritos de autores de perspectivas que por muitos anos foram suprimidas por subverter a ordem colonial. Os estudos pós-coloniais têm possibilitado um debate epistemológico sobre a produção de conhecimento, que por muito tempo foi pautada pelo modelo ocidental colonizador e excludente, proporcionando um espaço para a construção de novos

⁹ GÓES, Virginia Santiago dos Santos. **Colonialidade do saber nas Relações Internacionais: um debate epistêmico**. Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul: v. 1, n. 1, 2017, p. 193-194.

¹⁰ BARBOSA, Regiane R.; MASO, Techela F. **Possíveis contribuições de Aníbal Quijano para as relações internacionais**. ENEPEX–encontro de ensino, pesquisa e extensão, 80 ENEPE, 2014, p. 2-3.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade**. São Paulo: Novos Estudos, 2003, p. 26.

¹² *Ibid*, p. 26.

¹³ PEZZODIPANE, Rosane Vieira. **Pós-colonial: a ruptura com a história única**. Revista Eletrônica Simbiótica, Ufes, v. 1, n. 3, 2013.

paradigmas metodológicos para além da tradição eurocêntrica que reproduz a relação colonial.

O pós-colonialismo implica na ascensão de intelectuais do denominado “Terceiro Mundo”. Dando ênfase aos autores orientais, um grande exemplo dessa trajetória é o historiador e crítico literário palestino Edward Said, que com sua obra, *O Orientalismo*, alcançou a esfera internacional em 1978 e passou a ser considerado um dos percursores do pensamento pós-colonial. Em sua obra, Said coloca em questão as relações de dominação que se prolongam por meio do saber-poder que estão vigentes nas relações entre o Ocidente e o Oriente. A partir da influência direta e indireta de Said, outros autores advindos do Terceiro Mundo, como os indianos Homi Bhabha, autor das obras *Nation and Narration [itálico]* (1990) e *The Location of Culture* (2008), e Gayatri Spivak, considerada hoje uma das principais referências da epistemologia e das perspectivas feministas e dos estudos pós/decoloniais, ganharam legitimidade e reconhecimento internacional nas décadas de 80 e 90, enquanto autores pós-coloniais.

Outro precursor dentro desse campo de conhecimento é o chamado *Subaltern Studies*. O grupo Estudos Subalternos do Sul da Ásia, fundado em 1982, era composto por pesquisadores sul-asiáticos apoiado pelo governo indiano e de tendência nitidamente marxista, tinham inicialmente como pautas o nacionalismo e as revoltas populares, principalmente os movimentos camponeses. Entretanto, com o tempo abrangeram suas discussões e começaram a questionar o sentido do grupo indiano no contexto da economia capitalista globalizada. Nesse processo, foram incorporados novos fatores na agenda, destacando-se a tentativa de construção de uma teoria crítica da subalternidade que fosse além do contexto da Índia colonial e do movimento nacionalista, em conformidade com uma nova conformação da “esquerda” em termos globais. Os *Subaltern Studies* passam a ser um meio para formulações críticas ao passado e as tradições intelectuais do Ocidente. Os denominados subalternistas tornaram-se, aos poucos, uma linha de auxílio ao amplo campo contemporâneo de estudos pós-coloniais, centrados nos temas do discurso e da textualidade. O grupo reunia jovens historiadores, ingleses e indianos, liderados pelo indiano Ranajit Guha. Os demais integrantes eram

Shahid Amin, David Arnold, Partha Chatterjee, David Hardiman e Gyanendra Pandey.¹⁴

Em síntese, os estudos pós-coloniais são uma consequência do colonialismo e sua herança no sistema internacional contemporâneo. Eles possibilitam a reconstrução dos discursos em sociedades onde se estabeleceu o saber/poder da colonialidade, sem espaço para a interpretação do outro, enfatizando a necessidade de reescrever os relatos hegemônicos de maneira descentrada e diaspórica. A autora Camila Góes¹⁵ afirma que:

A crítica pós-colonial buscou repensar, de forma radical, as identidades sociais e todo o conhecimento autorizado e de autoria do colonialismo e do ocidente. Para isso, partiu da premissa que nem o nacionalismo, nem o marxismo, teriam conseguido se “libertar” de discursos eurocêtricos (PRAKASH, 1994, p. 1475). Desta forma, apresentou como objetivo geral “desfazer o eurocentrismo” produzido pela trajetória ocidental, e de sua apropriação do Outro pela História.

A produção de um trabalho sob uma abordagem pós-colonial traz uma maior amplitude para a discussão sobre certos paradigmas históricos presentes nas Relações Internacionais que, por sua vez, acabam reforçando a marginalização e até mesmo a subalternização do oriental. O presente artigo propõe apresentar o fato histórico da colonização britânica na Índia, e analisar, tendo como base a perspectiva pós-colonial, se a pobreza e desigualdade social do país indiano é uma consequência do colonialismo britânico.

29

2. RAJ BRITÂNICO

O subcontinente indiano (ou Península do Hindustão) corresponde ao território peninsular do Sul da Ásia, historicamente composto por diversos grupos étnicos, religiões e culturas, e atualmente é onde se situam os países de Bangladesh, Butão, Maldivas, Nepal, Paquistão, Sri Lanka e a Índia. O domínio britânico nessa região foi introduzido por meio da Companhia Britânica das Índias Orientais, fundada em 1600 por comerciantes em Londres através de uma carta real da Rainha Elizabeth I. A Companhia detinha o monopólio do comércio com

¹⁴ GÓES, Camila. **Repensando a subalternidade: de Antonio Gramsci à teoria pós-colonial.** Revista Outubro, n. 26, julho de 2016, p. 90-95

¹⁵ *Ibidem*, p. 93

as “Índias Orientais” por um período de 15 anos, intervalo que foi prolongado posteriormente, mas acabou por negociar principalmente com o subcontinente indiano e a China Qing. Dispunha de suas próprias práticas diplomáticas e forças armadas, além de certa soberania, já que o governo inglês possuía apenas controle indireto sobre ela.¹⁶

Ainda em 1600, a Índia estava aberta a vários comerciantes estrangeiros e começou a estabelecer acordos, não só com os britânicos, mas também com os holandeses, os franceses e portugueses. Inicialmente, o interesse da Companhia não ultrapassava o caráter comercial, sem pretensão em adentrar as estruturas internas. Diante do sucesso comercial dos portugueses e franceses na região, a Companhia iniciou um movimento de expansão de influência, com o objetivo de dominar o comércio de produtos europeus. Assim, pouco a pouco foram expulsando seus concorrentes, ao mesmo tempo em que chegaram a acordos com o Império Mogol, ou Mughal, que governava grande parte do subcontinente. O Império Mogol apoiava o comércio com os europeus e desde que a relação fosse proveitosa para ambas as partes. Assim, a Companhia conseguiu privilégios fiscais e estabeleceu depósitos comerciais e fábricas nas cidades de Bombaim, Madras e Calcutta.¹⁷ Para proteger seus interesses nessas cidades, a companhia pagou por seus próprios exércitos privados na Índia, compostos por funcionários britânicos, que ocupavam as mais altas patentes, e indianos, chamados de cipaios, que ocupavam as posições mais baixas na hierarquia militar.¹⁸

Durante esta primeira fase (1600-1700), marcando o primeiro século após sua criação, a Companhia das Índias Orientais na Índia era meramente uma empresa comercial com monopólio exclusivo sobre o comércio com a Índia e que não detinha nenhuma soberania sobre o território indiano. Os únicos direitos de propriedade territorial que possuía eram direitos de posse sobre pequenos espaços em que se encontravam suas “fábricas” comerciais, conquistadas sob favor do

¹⁶ TRUEBA, Alejandro Pascual. **La India: de la explotación colonial al movimiento por la independencia**. Universidad de Cantabria: 2018, p. 3-5.

¹⁷ WAHI, Namita. **Property and Sovereignty: Creating, Destroying and Resurrecting Property Rights in British India (1600-1800)**. Centre for Policy Research, 2020, p. 24.

¹⁸ GUIMARÃES, Andréa Bastos da Silva. **Companhia das Índias Orientais e a Conquista Britânica da Índia: Terra, Tributo, Comércio e Moeda 1765-1835**. Rio de Janeiro, 2010, p. 87.

imperador mogol.¹⁹ Rossellini²⁰ ressalta que inicialmente a Companhia inglesa trouxe, de certa forma, contribuições para que o comércio indiano se tornasse próspero por meio de uma relação amigável, mas ao se desenrolar-se foi se tornando cada vez mais invasiva, e em pouco tempo colocou a Índia em um estado de retrocesso, no qual o país deixou de ser produtor e passou a ser subserviente.

Em 1707, a morte do Imperador mogol desencadeou hostilidades entre o Império Mogol e o Império Marata, que por muitos anos disputaram a influência dentro do subcontinente indiano. O conflito durou até 1750, e nesse contexto deu-se início ao declínio do governo mogol na Índia. Em 1757, o governador de Bengala e da Província Bihah e Orissa, Siraj-ud-Daula, com o apoio dos franceses, organizou uma revolta contra a Companhia Britânica das Índias Orientais, que se fortaleciam no porto de Calcutá (principal entreposto da Companhia) e abusavam de seus privilégios fiscais, vendendo licenças para mercadores locais realizarem negócios sob sua proteção, livres de impostos.²¹ Segundo o autor Bruno de Campos²², a Companhia acabou monopolizando o comércio de chá na região, as transações comerciais com a China, o transporte de mercadorias para o continente europeu, além de passar o domínio de algumas mercadorias, como o sal e o ópio, para seus altos funcionários, que possuíam livre arbítrio para fixar seus preços, prejudicando diretamente os camponeses indianos. Essas medidas tinham a intenção de dominação sobre os recursos indianos, com isso a Índia ia perdendo sua soberania e o imperialismo inglês avançava. Por esses motivos, entre outros, Siraj tomou Calcutá e entrou em guerra com a Companhia inglesa, conflito que ficou conhecido como a Batalha de Plassey.

A Batalha de Plassey ocorreu entre 1757 e 1763 e foi um conflito decisivo para a dominação da Índia. A Companhia Britânica das Índias Orientais saiu

¹⁹ WAHI, Namita. *op. cit.*, p. 23-25.

²⁰ ROSSELLINI, Roberto. **Roberto Rossellini: fragmentos de uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 79.

²¹ REICHERT, E.. **A corporação que mudou o mundo: como a Companhia das Índias Orientais moldou a multinacional moderna**. Revista História: Debates E Tendências, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 406.

²² CAMPOS, Bruno de. **Formação Social Indiana: modo de produção asiático, imperialismo e industrialização tardia**. 2013, p. 56.

vitória e assumiu o controle de Bengala, a província mais rica do país. Junto a isso, entre 1757 a 1780, os britânicos desfrutaram de uma grande quantidade dos capitais que o comércio exterior havia levado para a nação indiana, levando para a Europa cerca de 40 milhões de libras. Ainda utilizaram desse mesmo dinheiro para quebrar a indústria têxtil indiana. A revolução da máquina de Manchester, que desencadeou o pioneirismo da Inglaterra no uso de máquinas a vapor, não teria ocorrido sem os investimentos dos empregados da Companhia que haviam lucrado na Índia. Em resultado, as máquinas a vapor de Manchester começaram a fabricar tecidos em série, que concorriam vantajosamente com os artesãos indianos que teciam à mão.²³

A partir de 1790 iniciou-se o desmantelamento das estruturas pré-coloniais que ainda existiam em território indiano e foram feitos esforços para integrar novas áreas administrativas para a Companhia Britânica. Ela passou a assumir o controle da maior parte do subcontinente indiano por meio de diversos conflitos, tratados e anexações, submetendo a maior parte da Índia à determinação de governadores fantoche. Os britânicos agora exerciam enorme influência sobre a esfera política e militar e, conseqüentemente, adquiriram concessões significativas para perdas anteriores e receitas do comércio. Usaram ainda mais essa receita para ampliar seu poder militar e expulsar as outras potências coloniais europeias, como os holandeses e os franceses, do sul da Ásia, expandindo assim o Império Britânico na Índia.²⁴ Após o ano de 1790, os exércitos britânicos foram ampliados de forma que nenhum poder regional indiano conseguiria superar sua força²⁵. Segundo Bowen²⁶, em 1805, a companhia tinha três exércitos na Índia, contando quase 200 mil homens.

Por volta de 1847, o último Estado independente da Índia foi dominado, o Punjab. Com a expansão britânica, aos poucos foi se estabelecendo um processo de desintegração da identidade indiana, seguidos de atos violentos e exploratórios

²³ ROSSELLINI, Roberto. *op cit.*, p. 407

²⁴ BLACKWELL, Fritz. **The British Impact on India, 1700-1900**. Education About Asia, 2008, p. 35

²⁵ BOWEN, H. V. **The Bussiness of Empire: The East India Company and Imperial Britain, 1756-1833**. 3rd printing. Cambridge: Cambridge University Press, UK, 2007, p. 47

²⁶ *Ibidem*, p. 47

por um longo período de tempo. As tradições, a variedade linguística e cultural da Índia foi, quando não ignoradas, subalternizadas pelos colonizadores. Uma das tendências instituídas pela administração colonial foi a substituição das línguas locais pelo inglês.²⁷ Ao longo do processo de colonização na história do mundo, a língua tornou-se uma importante forma de dominação dos colonizadores para com os colonizados.²⁸ A partir, portanto, desta sobreposição epistêmica, as relações de poder se tornaram mais evidentes nesta multifacetada nação, pois a língua inglesa, a religião cristã e a cultura ocidental se instalou na vida dos sujeitos indianos, em detrimento das línguas, das religiões e das culturas locais.²⁹ Este processo tinha como objetivo introduzir as estruturas de pensamentos e ações europeias para criar um grupo populacional que compreenderia o Império e participaria de sua extensão e manutenção. Houve grande resistência a esse processo, principalmente dos próprios grupos orientalistas metropolitanos que rejeitaram essa destruição injustificada de valores e costumes indianos.³⁰

Com a Revolução Industrial na Grã-Bretanha houve modificações nas relações metrópole-colônia. O mercado colonial começou a ser praticado em maior escala, vendo a Índia como um grande mercado para exportar e de onde importar. A Índia, que era o maior exportador de têxteis do mundo antes da chegada da Companhia Britânica, foi proibido de vender seus tecidos e passou por um processo de desindustrialização, ocupando apenas o espaço de exportador de algodão cru para a metrópole, de onde voltava tratado e manufaturado, invadindo o mercado interno e intensificando a miséria na colônia.

Em meados do século XIX, a conquista territorial estava praticamente terminada e a companhia havia organizado os sistemas administrativo, militar e

²⁷ SAMPAIO, Thiago Henrique. **O discurso de Karl Marx ao domínio britânico na Índia e suas considerações sobre a Revolta dos Cipayos (1857-1859)**. Revista de História da UEG, v. 5, n. 1, 2016, p. 208.

²⁸ SARTRE, J. P. **Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade**. In: SARTRE, J. P. Situações I. Tradução de: GOMES, Rui M. Lisboa: Europa-América, 1968. p. 33

²⁹ SANTOS, Sandra de Jesus dos. **Índia pós-colonial: discursos hegemônicos e apagamento da diversidade**. UCSAL, Universidade Católica do Salvador: 2020.

³⁰ TRUEBA, Alejandro Pascual. *op. cit.*, p. 9.

econômico da colônia, este último baseado na tributação e na exploração colonial dos recursos indianos. Esses sistemas, sem dúvida, beneficiavam os interesses da Companhia, mas não tanto a população da colônia, que sentiam cada vez mais as transformações radicais realizadas pelos ingleses.³¹

O primeiro marco da resistência indiana frente à dominação britânica ocorreu com a Revolta dos Cipayos, em 1857 e 1858. Os cipayos, como eram chamados os soldados indianos que serviam no exército da Companhia Britânica das Índias Orientais, deram início a uma série de motins marcados pelo assassinato de diversos oficiais ingleses, demonstrando o seu descontentamento com a administração militar britânica. Entre as causas para essa revolta as principais são, a obrigatoriedade dos jovens indianos em se alistar para o exército da companhia, o desrespeito com suas religiões (predominantemente hindu e muçulmana), o fato de pessoas de castas diferentes comporem o exército, a cobrança de impostos, péssimas condições de trabalho e a baixa remuneração. Por fim, o principal estopim para esse conflito foi a utilização de gordura animal, essencialmente da vaca e do porco, no revestimento das cápsulas das armas utilizadas pelos soldados indianos. Como eles tinham de rasgar as cápsulas com a boca, acabavam ingerindo aquela gordura, o que era considerado intolerável uma vez que era sagrado, tanto pelos hindus (vaca) como pelos muçulmanos (porco).³²

34

Com a revolta, os cipayos conseguiram invadir a cidade de Delhi, atual capital da Índia, e lá assassinaram indiscriminadamente europeus. Membros do governo britânico foram as principais vítimas da revolta. Com isso ficou claro que a cidade havia saído do controle britânico. Delhi na época estava sendo administrada pelo Imperador Bahadur Shah, posição concedida pela companhia, que ao se ver cercado pelos cipayos, não viu outra opção a não ser apoiá-los. A revolta assim adquiriu uma espécie de legitimidade porque agora poderia ser continuada em nome do imperador e, com isso, o conflito rapidamente se alastrou por toda a Índia³³. Embora a revolta fosse formidável e generalizada, ela ainda era, em grande medida, limitada e desorganizada, em contraste com a Companhia

³¹ *Ibidem*, p. 10.

³² MOHANTY, Tarakanta. **Sepoy Mutiny (On the completion of one hundred and fifty years)**. Orissa Review: 2006, p. 61-69.

³³ *Ibidem*, p. 67-70.

Britânica, que detinha mais armas, poder e organização. Em consequência dessas condições a Revolta dos Cipayos foi violentamente reprimida. Foi concedido aos oficiais militares e até mesmo britânicos comuns o poder de punir os indianos suspeitos de rebelião, utilizou-se do poder militar da Companhia Britânica em grande escala³⁴. O filósofo e autor Karl Marx³⁵ enfatiza nesse contexto que, “por mais infame que seja a conduta dos cipayos, ela não é mais do que um reflexo da conduta da Inglaterra na Índia não só durante a época da fundação do seu Império oriental, mas mesmo durante os últimos dez anos da sua longa dominação”.

No fim, a Revolta dos Cipayos não levou a emancipação indiana que havia sido idealizada, ao contrário, resultou na dissolução da Companhia Britânica das Índias Orientais e o estabelecimento de um governo direto pela Coroa Britânica e em 1877 a Rainha Vitória foi proclamada Imperatriz da Índia. Apesar das narrativas dos colonizadores de que a revolta foi um fato sem relevância, os indianos destacam que foi um marco histórico para construir a independência. Ainda que tenha fracassado, a revolta abalou a confiança britânica de forma que passaram a conceder cargos públicos e estabelecer novas políticas voltadas para os indianos. Entretanto, essa ação foi feita sob a estratégia de acentuar as diferenças entre religiões e castas, para prevenir quaisquer sentimentos de cunho nacionalista unificado³⁶. Sobre esse período, o autor Jerônimo Nóbrega³⁷ pontua que:

Fica claro que quando se percebeu a força do colonizado, logo uma administração mais direta foi providenciada para que a contenção dos surtos fosse eficaz e o prolongamento do imperialismo pudesse ser possível. [...] Entretanto, as boas ações tomadas pelos britânicos, ao fim do conflito, não apagaram a forma como eles reprimiram a revolta, impiedosos, de forma tirânica, sem retroceder frente à crueldade cometida.

³⁴ CHANDRA, Bipan, et al. **India's Struggle for Independence**. Penguin Books: New Delhi, 1987.

³⁵ MARX, K. **A Violência dos Colonizadores**. *Revista Posição*, [S. l.], v. 3, n. 09, p. 6–10, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/pos/article/view/143>. Acesso em: 4 nov. 2022.

³⁶ OLIVEIRA, Jerônimo Carlos Nóbrega de. **Resistência e Repressão: um olhar pós-colonial sobre a política imperialista britânica durante a revolta dos cipayos**. UEPB: João Pessoa, 2018, p. 14-15.

³⁷ *Ibidem*, p. 16.

Entretanto, mesmo com a contenção brutal da revolta e a tentativa do governo de desunificar os indianos, o sentimento de insatisfação ainda era convergente. Tendo como base o sentimento nacionalista, em 1885 foi fundado o partido do Congresso Nacional Indiano (CNI), que reunia todos aqueles que almejavam a independência do país, e alguns anos depois, em 1906, foi criada a Liga Mulçumana, organização política com objetivo de proteger o direito dos mulçumanos indianos, em resposta a tentativa do vice-rei do Raj Britânico, lorde Curzon, de dividir a província de Bengala em uma parte ocidental e outra oriental. O seu fracasso foi mais um sinal do fortalecimento do nacionalismo e do desacerto do sistema político arranjado após as rebeliões de 1857.³⁸

Entretanto, com a chegada da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o movimento nacional ficou estagnado. A Índia foi uma grande apoiadora da Inglaterra e compôs o maior exército voluntário da época, isso se deu pelas promessas da coroa britânica que garantiu uma maior representatividade indiana no parlamento inglês se, em troca, recebesse a ajuda indiana na guerra. A promessa não foi cumprida, o que causou grande revolta. Tendo a Revolução Russa, em 1917, como inspiração, o movimento nacional passou por um grande amadurecimento, passando a abordar questões sociais e econômicas, sendo que antes o foco era apenas político.

É nesse contexto que ocorre a ascensão de Mahatma Gandhi na luta nacionalista. Gandhi, que fazia parte do Congresso Nacional Indiano, apoiava a ajuda indiana aos ingleses na Primeira Guerra Mundial em troca de maior representatividade política, mas ao ver o descumprimento da promessa, se inicia uma revolução pacífica, utilizando a desobediência civil, na qual ele se torna líder. Para Panikkar³⁹, ao final da Primeira Guerra Mundial o objetivo principal da política inglesa na Índia era ganhar tempo. Já estava claro que a independência era inevitável e se aproximava, mas os britânicos desejavam uma independência conveniente aos seus interesses.

Em 1919, vendo o fortalecimento nacionalista, os britânicos instituíram a lei Rowlatt, que permitia a prisão de protestantes por até 2 anos, sem julgamento. Em

³⁸ CAMPOS, Bruno de. *op. cit.*, p. 57.

³⁹ PANIKKAR, Kavalam Madhava. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 30-47.

protesto a essa lei, Gandhi e os demais líderes iniciaram um ‘Satyagraha’, isto é, um movimento de não cooperação com objetivo de provocar a paralisação das instituições inglesas. Dessa forma, em 1920, Gandhi consegue cada vez mais aproximar os camponeses do partido, “que rapidamente transforma-se numa organização de massas, e começa adquirir proeminência na luta pela independência”⁴⁰ por meio da desobediência civil. Segundo Emiliano Unzer Macedo⁴¹:

A força maior de Gandhi, contudo, foi ter conseguido apelar a um enorme contingente populacional camponês e tradicional e fazer-se entender, na linguagem deles, sobre a sua precária condição marginal numa Índia em transformação. E foi a escala numerosa de protestantes que se tornou um problema que não poderia ser ignorado pela opinião pública britânica e mundial.

Na década de 30, Gandhi se tornou uma figura de liderança eminente em toda a Índia, admirado por quase todos os indianos, fortalecendo o movimento nacionalismo em prol da independência. Esse processo levou a vários embates que resultaram em mortes e feridos, como o conflito em Charui-Choura e o massacre de Amritsar, desiludindo Gandhi da luta pacifista e o afastando um pouco do movimento⁴². Com a entrada da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), se modificou a questão indiana e do Império Britânico. Os líderes do Congresso Nacional Indiano, como Nehru, que por vontade de Gandhi lhe sucedera na presidência do Congresso, não fizeram oposição na questão da Índia ser levada pra guerra pela mão dos ingleses, mas em troca dos milhões de soldados indianos, os líderes nacionalistas exigiam a promessa imediata da declaração da independência da Índia logo após o desfecho do conflito.

Com o fim da guerra, o governo trabalhista inglês, presidido por Clement Attlee, contra a vontade de Churchill e do partido conservador, começou a negociar a independência da Índia, mas a irredutibilidade do líder da Liga

⁴⁰ MACEDO, Emiliano Unzer. **História da Ásia: Uma Introdução à sua História Moderna e Contemporânea**. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2016, p. 57.

⁴¹ *Ibidem*, p. 57.

⁴² COISSORÓ, Narana. **Ghandi, o activista da paz**. Academia de Ciências de Lisboa (ACL): Lisboa, 2017, p. 10-11.

Muçulmana, de querer um novo Estado para os muçulmanos dentro do subcontinente, veio a dificultar os planos. Guilherme Sampaio⁴³ explica que:

Os britânicos influenciaram diretamente pelo fato de enxergar a consolidação muçulmana como positiva pois aumentava as tensões e os britânicos queriam prolongar o seu domínio. [...] Gandhi aceitou a independência do continente indiano nos moldes ingleses, ou seja, concordando com a independência do Paquistão, por justamente acreditar que se esse fato não ocorresse daquela forma, a Índia permaneceria por mais tempo como colônia. A partição da Índia e Paquistão acabou provocando uma das maiores migrações populacionais da história em meio a violentos confrontos que deixaram centenas de milhares de mortos.

A Independência finalmente foi alcançada em 1947, porém os impactos da colonização em uma nação não se dissolvem ao fim do processo, a perversidade do processo colonial tem como algumas de suas consequências a colonialidade em três principais dimensões (ser, saber e poder). Para Castro-Gómez⁴⁴, se a colonialidade do poder apresenta a dimensão econômica-política das heranças coloniais, a colonialidade do saber faz referência à dimensão epistêmica da mesma e a colonialidade do ser, à dimensão ontológica.

3. POBREZA NA ÍNDIA E DESIGUALDADE SOCIAL: herança colonial?

38

O processo de colonização foi determinante no desenvolvimento econômico e social da Índia. Estando o país na condição de colônia, foi exacerbadamente explorado, sofrendo processos brutais de transformação, e depois, quando nação independente, os laços históricos costurados entre colônia e metrópole deixaram sua herança no desenvolvimento indiano.

Diante de uma perspectiva pós-colonial, aborda-se nessa seção o legado da colonização na sociedade indiana, a colonialidade. O que teve fim com a independência foi a ocupação territorial estrangeira, no entanto, o modo de dominação colonial continuou sob outras formas. A colonialidade, conceito introduzido pelo grupo latino-americano Colonialidade/Modernidade, compreende

⁴³ BARBEDO, Guilherme Sampaio. **Relações Índia-Paquistão: uma análise a partir da independência sob o prisma da segurança regional**, 2017, p. 34

⁴⁴ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Los avatares de la crítica decolonial**. Bogotá: Tábula Rasa. n.16, p. 219.

a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, se estendendo ao presente. Neste trabalho, procura-se compreender a colonialidade sobre a Índia, sobretudo no fenômeno da pobreza e desigualdade social que perduram na história indiana até os dias de hoje, buscando relacioná-los com os efeitos da colonização britânica.

No período pré-colonial, a Índia era destaque na indústria têxtil, chegando a deter 25% da produção mundial. No entanto, por volta do século XIX, os britânicos se tornaram “senhores” da Índia, e com isso vieram grandes mudanças. O país asiático foi forçado a um processo de desindustrialização, transformando-o em predominantemente ruralista, sendo reduzido de maior exportador de produtos têxteis do mundo para apenas um exportador de algodão cru para a metrópole, tendo ainda que enfrentar diversas represálias que prejudicaram o progresso indiano. Rossellini⁴⁵ retrata o período colonial da seguinte forma:

Dinheiro, ideias, matéria-prima, homens: pode-se dizer que os ingleses tomaram tudo da Índia, provocando nesse país a mais formidável devastação econômica e social que uma nação já conheceu. Os tecelões indianos desapareceram, tragados pela miséria; a agricultura viu chegar um enorme fluxo de mão-de-obra; seguiu-se um empobrecimento geral. Autores considerados sérios não hesitam em afirmar que a vampira Inglaterra deve à Índia o século de supremacia industrial cujas delícias consumiu entre 1815 e 1914.

Assim, grande parte da responsabilidade pela ausência de uma revolução industrial ou comercial na Índia pode ser atribuída ao imperialismo britânico. O processo de pilhagem contínuo de matérias-primas, recursos e riqueza pela Grã-Bretanha para se enriquecer à custa da crescente pobreza, violência, fome e analfabetismo da Índia, por muito tempo restringiram o desenvolvimento⁴⁶. As poucas indústrias nativas que ainda existiam na época da colonização tinham que concorrer com as fortes empresas britânicas, melhor equipadas e melhor financiadas.

Foi somente depois que deixou de ser colônia, em 1947, que a Índia pôde mudar o caráter econômico do país, que por muito tempo foi dominado pelos

⁴⁵ ROSSELLINI, Roberto. **Roberto Rossellini: fragmentos de uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 120

⁴⁶ MEENA, Hareet Kumar. **The Meaning and Methods of Drain of Wealth in Colonial India**. *Internacional Research Journal of Management, IT & Social Sciences*, 2016, p. 65-72

interesses da metrópole, para uma economia com foco no desenvolvimento interno.⁴⁷ Contudo, a conquista da independência não mudava o fato do país estar completamente desestruturado. Barrington Moore⁴⁸ afirma, que quando se deu a independência da Índia em relação aos britânicos, existia apenas um pequeno impulso no sentido da industrialização, pois os recursos não eram dirigidos para construção de fábricas. Para ele, a agricultura estava estagnada e produzia pouco. Assim, a zona rural gerava pouco recursos para serem usados no crescimento industrial.

Para maior elucidação dessa conjuntura, pode-se utilizar a teoria da Drenagem de riquezas (*Drain of Wealth theory*), formulada, em 1867, pelo nacionalista indiano Dadabhai Naoroji. Como explicado na obra de Sarkat Sumit⁴⁹, ele foi o primeiro a concluir que os fatores internos indianos não eram a principal razão da pobreza na Índia, mas sim o domínio colonial que estava drenando a riqueza e prosperidade. É impossível saber com precisão a quantidade de riquezas que saíram da Índia durante o domínio colonial. Dadabhai Naoroji estimou que a perda foi de aproximadamente de 200 a 300 milhões de libras. Essa teoria recebeu críticas desde o início, sendo apontada como um exagero dos nacionalistas, no entanto, Naoroji certamente tinha razão ao apontar que o montante drenado representava um excedente potencial que poderia ter aumentado consideravelmente a renda indiana se investidos adequadamente dentro do país. É indiscutível que a colonização britânica deixou sua marca na sociedade indiana.

Apesar de seu passado recente, logo após a independência, a Índia deu início a instauração de um governo democrático, posteriormente conquistando um status de referência em democracia no mundo, e estímulo ao crescimento econômico, que durante a época colonial variou apenas entre a estagnação e o declínio.⁵⁰

⁴⁷ CAMPOS, Bruno de. **Notas sobre o desenvolvimento econômico e a industrialização da Índia**. In: IX Congresso Brasileiro de História Econômica e X Conferência Internacional de História de Empresas, Curitiba. Anais, 2011, p. 2.

⁴⁸ *Apud*. CAMPOS, Bruno de. **Índia: de colônia britânica ao desenvolvimento econômico nacional**. Espírito Santo: História Econômica & História de Empresas, 2015, p. 17.

⁴⁹ SARKAT, Sumit. **Modern India 1885-1947**. New York: Palgrave Macmillan, 1989, p. 24-28.

⁵⁰ DRÉZE, Jean; SEN, Amartya. **Glória Incerta: a Índia e suas contradições**. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes e Leila Coutinho. São Paulo. Companhia das Letras, 2015, p. 17-21

Apesar dessas iniciativas, a Índia continuou atrasada - apresentando um desenvolvimento em um ritmo mais lento dada as condições do país - por décadas. Felizmente, nas décadas recentes a Índia conseguiu se estabelecer como uma potência emergente, apresentando crescente influência política e econômica no mundo, mas a pobreza e a desigualdade social não deixaram de existir de forma excessiva.⁵¹

Certamente, embora o processo lento, ocorreram grandes melhorias na Índia após a independência, tanto nos indicadores econômicos quanto nos sociais, mas apesar da imagem de um país avançando rapidamente rumo ao desenvolvimento, o alcance social do progresso econômico tem sido limitado.⁵² Ainda que a Índia atual apresente um dos maiores crescimentos econômicos do mundo, o país ainda enfrenta uma difícil situação social.

De acordo com o que foi apresentado, o domínio colonial Britânico na Índia foi a raiz de grande parte dos problemas indianos contemporâneos. Como descrito por Cruz⁵³:

Saídos de um processo de independência que terminou com a partição do país de seus sonhos, tendo que lidar com problemas linguísticos com possibilidades separatistas e negociar em bases aceitáveis à integração dos principados no território do novo Estado, a principal tarefa que os dirigentes políticos da Índia enfrentavam em meados do século passado era a construção nacional. Modernizar a economia era um aspecto proeminente do projeto, mas estava subordinada à necessidade de consolidação do poder, da pacificação interna e da transformação social.

Contudo, junto aos problemas enraizados no período colonial, diversos fatores se somaram para resultar na Índia que se conhece hoje. O que se pode constatar é a falha dos governos indianos de conciliar o crescimento econômico com a redução da pobreza e da desigualdade social. Durante os primeiros anos de independência, o cenário deixado pela colonização era catastrófico, tornando difícil a transição de colônia para nação independente, os problemas mais

⁵¹ *Ibidem*, p. 1-5

⁵² *Ibidem*, p. 8-12.

⁵³ *Apud*. CAMPOS, Bruno de. **Notas sobre o desenvolvimento econômico e a industrialização da Índia**. In: IX Congresso Brasileiro de História Econômica e X Conferência Internacional de História de Empresas, 2011, Curitiba. Anais, 2011, p. 6.

preocupantes estavam relacionados à superpopulação, fome e pobreza. Durante as quatro décadas seguintes à independência, foram adotadas políticas visando o desenvolvimento interno, baseando-se no processo de substituição de importações, com foco no estabelecimento de uma indústria de base forte e independente. Apesar dos esforços, esse período foi marcado pelo lento crescimento da economia indiana, principalmente pela Índia ser, historicamente, um país majoritariamente rural e a desindustrialização forçada pelos britânicos. Em 1951, mais de 80% da população vivia em áreas rurais.⁵⁴

O período seguinte foi marcado pelo crescimento dos problemas econômicos internos, junto ao encerramento da Guerra Fria e o fim da URSS, que tinha uma ampla relação com a Índia. Se intensificou, nesse contexto, a necessidade de melhorar o desempenho econômico do país por meio de uma abertura comercial. Assim, 1991, deu-se início a reformas liberais na Índia, dando um maior foco para as concentrações industriais. A partir das reformas, o PIB começou a registrar um rápido crescimento na economia, tornando a Índia um país de destaque como potência emergente.

Contudo, o rápido crescimento teve como consequência um grande impacto negativo na redução da pobreza, tendo quase metade da população em extrema pobreza. Além disso, houve um aumento na concentração de riqueza da camada social mais alta. Nota-se nesse contexto que, que alguns segmentos tiveram um rápido aumento em seus ganhos, enquanto a massa trabalhadora ainda vive no país abaixo da linha de pobreza.

Além disso, por muito tempo os britânicos se apoiaram na divisão social indiana em castas para manter o seu poder utilizando a desunificação da população. Na religião hindu, existe uma hierarquia que determina o status que um indivíduo adquire ao nascer. Este sistema é chamado sistema de castas. Tendo nascido em uma das quatro castas principais na Índia, o indivíduo segue leis e códigos religiosos que determinam sua posição em uma hierarquia.

Em 1950, após a independência, o sistema de castas foi abolido por lei. Não é raro, no entanto, pessoas que ainda seguem os ditos do sistema de castas e excluem aos que seriam das castas mais “baixas”, como os intocáveis. Com isso

⁵⁴ LINS, Rodrigo Galvão Pinho. **A desigualdade econômico-social indiana e sua política comercial: mútua influência de agenda**. Universidade Federal de Pernambuco: 2014, p. 1-6.

torna-se mais difícil para essa parte da população alcançar estabilidade financeira e conseguir emprego. Segundo o autor Costa⁵⁵, um pouco mais de um terço dos intocáveis estão abaixo da linha da pobreza.

Em suma, as raízes históricas da colonização britânica tiveram grande influência na sociedade indiana, a pobreza e a desigualdade na distribuição de renda existente desde o período colonial nunca foram realmente resolvidas. Dessa forma, o movimento de crescimento econômico indiano não foi plenamente acompanhado pelo desenvolvimento social do país.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o Império Britânico e a Índia teve início com uma relação comercial, aparentemente inofensiva, promovida pela Companhia das Índias Britânicas. Em pouco tempo, essa relação passou a adquirir um caráter exploratório, enfraquecendo a nação indiana e espalhando o colapso por todo o seu território. A Índia, então, se tornou uma colônia britânica, e por muito tempo foi utilizada em prol dos interesses da metrópole.

Por muito tempo o pós-colonialismo foi ignorado dentro do campo de estudo das relações internacionais, no entanto, sua contribuição nessa dimensão é de suma importância para a compreensão das sociedades atuais. Assim, a utilização da teoria pós-colonial neste trabalho deu base para a discussão sobre a herança colonial deixada pelos britânicos na Índia. Analisando a relação entre o período de domínio e os seus desdobramentos no pós-independência, especificamente em relação aos aspectos da pobreza exacerbada e as desigualdades na distribuição de renda do país.

Partindo da análise do contexto histórico do início da colonização até o seu fim, são visíveis os rastros deixados pelas transformações na Índia durante esse período. Foi transformada em um país com uma conjuntura idealizada para a exploração, sem se preocupar com os indianos. Toda a estrutura da Índia foi destruída, sem preocupação com sua reconstrução.

Apesar do elevado crescimento econômico da Índia nos últimos anos, os problemas sociais decorrentes do período colonial nunca foram realmente

⁵⁵ COSTA, FLORENCIA. **Os Indianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

solucionados. Esses problemas perduraram por dois motivos principais: a gravidade do cenário deixado pela colonização e pela atuação ineficaz dos governos indianos, que focaram no desenvolvimento econômico sem dar muito espaço para a resolução dos problemas sociais. Dessa forma, conclui-se que, se faz necessário investir mais nas políticas sociais do país, principalmente nas áreas rurais, aproveitando o seu crescimento econômico para se desenvolver e superar suas dificuldades socioeconômicas.

REFERÊNCIAS

AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade a Colonialidade: você conhece esses conceitos?**. Politize: 2021. In: Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/> - acesso em: 23/07/2022

BARBEDO, Guilherme Sampaio. **Relações Índia-Paquistão: uma análise a partir da independência sob o prisma da segurança regional**, 2017, p. 34

BARBOSA, Regiane R.; MASO, Techela F. **Possíveis contribuições de Aníbal Quijano para as relações internacionais**. ENEPEX–encontro de ensino, pesquisa e extensão, 80 ENEPE, 2014, p. 2-3.

BLACKWELL, Fritz. **The British Impact on India, 1700-1900**. Education About Asia, 2008, p. 35.

BOWEN, H. V. **The Bussiness of Empire: The East India Company and Imperial Britain, 1756-1833**. 3rd printing. Cambridge: Cambridge University Press, UK, 2007, p. 47.

CAMPOS, Bruno de. **Formação Social Indiana: modo de produção asiático, imperialismo e industrialização tardia**. 2013, p. 56.

_____. **Índia: de colônia britânica ao desenvolvimento econômico nacional**. Espírito Santo: História Econômica & História de Empresas, 2015, p. 17.

_____. **Notas sobre o desenvolvimento econômico e a industrialização da Índia**. In: IX Congresso Brasileiro de História Econômica e X Conferência Internacional de História de Empresas, Curitiba. Anais, 2011, p. 2.

CASANOVA, Pablo G.. **Colonialismo interno: uma redefinição**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006, p. 432.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Los avatares de la crítica decolonial**. Bogotá: Tábula Rasa. n.16, p. 219.

CHANDRA, Bipan, et al. **India's Struggle for Independence**. Penguin Books: New Delhi, 1987.

COISSORÓ, Narana. **Ghandi, o ativista da paz**. Academia de Ciências de Lisboa (ACL): Lisboa, 2017, p. 10-11.

COSTA, FLORÊNCIA. **Os Indianos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

DRÉZE, Jean; SEN, Amartya. **Glória Incerta: a Índia e suas contradições**. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes e Leila Coutinho. São Paulo. Companhia das Letras, 2015, p. 1-21.

GÓES, Camila. **Repensando a subalternidade: de Antonio Gramsci à teoria pós-colonial**. Revista Outubro, n. 26, julho de 2016, p. 92.

GÓES, Virginia Santiago dos Santos. **Colonialidade do saber nas Relações Internacionais: um debate epistêmico**. Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul: v. 1, n. 1, 2017, p. 193-194.

GUIMARÃES, Andréa Bastos da Silva. **Companhia das Índias Orientais e a Conquista Britânica da Índia: Terra, Tributo, Comércio e Moeda 1765-1835**. Rio de Janeiro, 2010, p. 87.

LINS, Rodrigo Galvão Pinho. **A desigualdade econômico-social indiana e sua política comercial: mútua influência de agenda**. Universidade Federal de Pernambuco: 2014, p. 1-6.

MACEDO, Emiliano Unzer. **História da Ásia: Uma Introdução à sua História Moderna e Contemporânea**. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2016, p. 57.

MARX, K. **A Violência dos Colonizadores**. Revista Posição, [S. l.], v. 3, n. 09, p. 6–10, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/pos/article/view/143> - Acesso em: 4 nov. 2022.

BOBBIO et al. **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira et al. 11. ed. Brasília: UnB, 1998, p. 181.

MEENA, Hareet Kumar. **The Meaning and Methods of Drain of Wealth in Colonial India**. Internacional Research Journal of Management, IT & Social Sciences, 2016, p. 65-72.

MOHANTY, Tarakanta. **Sepoy Mutiny (On the completion of one hundred and fifty years)**. Orissa Review: 2006, p. 61-69.

OLIVEIRA, Jerônimo Carlos Nóbrega de. **Resistência e Repressão: um olhar pós-colonial sobre a política imperialista britânica durante a revolta dos cipaiois**. UEPB: João Pessoa, 2018.

PANIKKAR, Kavalam Madhava. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 30-47.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. **Pós-colonial: a ruptura com a história única**. Revista Eletrônica Simbiótica, Ufes, v. 1, n. 3, 2013.

REICHERT, E.. **A corporação que mudou o mundo: como a Companhia das Índias Orientais moldou a multinacional moderna**. Revista História: Debates E Tendências, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013. p. 406.

ROSSELLINI, Roberto. **Roberto Rossellini: fragmentos de uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 79-407

SAMPAIO, Thiago Henrique. **O discurso de Karl Marx ao domínio britânico na Índia e suas considerações sobre a Revolta dos Cipaiois (1857-1859)**. Revista de História da UEG, v. 5, n. 1, 2016, p. 208.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade**. São Paulo:Novos Estudos, 2003, p. 26.

SANTOS, Sandra de Jesus dos. **Índia pós-colonial: discursos hegemônicos e apagamento da diversidade**. UCSAL, Universidade Católica do Salvador: 2020.

SARKAT, Sumit. **Modern India 1885-1947**. New York: Palgrave Macmillan, 1989, p. 24-28.

SARTRE, J. P. **Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade**. In: SARTRE, J. P. Situações I. Tradução de: GOMES, Rui M. Lisboa: Europa-América, 1968. p. 33.

SOUZA, João Paulo A. de. **Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil**. São Paulo: Estud. Econ., 2008, v. 38, n. 1, p. 173-203.

TRUEBA, Alejandro Pascual. **La India: de la explotación colonial al movimiento por la independencia**. Universidad de Cantabria: 2018, p. 3-5.

WAHI, Namita. **Property and Sovereignty: Creating, Destroying and Resurrecting Property Rights in British India (1600-1800)**. Centre for Policy Research, 2020, p. 24.

Artigo recebido em: 22 de março de 2023

Artigo Aprovado em: 23 de outubro de 2023.